

APROXIMAÇÕES ENTRE O BALÉ CLÁSSICO E A LITERATURA CIENTÍFICA DA SAÚDE⁵²

APPROACHES BETWEEN CLASSICAL BALLET AND SCIENTIFIC HEALTH LITERATURE

Heloisa Suzano de Almeida

Rafael Mattos

Elirez Bezerra da Silva

Monique Ribeiro de Assis

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: O balé clássico é uma dança longeva que mantém representatividade ao longo da sua trajetória. Este estudo discute os deslocamentos de poder e as condições históricas que vêm aproximando o balé clássico da literatura científica nos primeiros vinte anos do século XXI, a partir da análise genealógica proposta por Michel Foucault. Foram identificados 12.699 artigos em nove bases de dados e após a exclusão dos estudos da área da saúde, observou-se uma trajetória ascendente de publicações. Os resultados indicam que o balé clássico vem ampliando suas interlocuções com outros saberes, sobretudo com o campo científico e, em especial, com a saúde.

Palavras-chave: balé clássico; dança; poder soberano; poder disciplinar; biopoder.

Abstract: Classical ballet is a long-standing dance form that has maintained significant representativeness throughout its history. This study examines shifts in power and the historical conditions that have brought classical ballet closer to scientific literature in the first two decades of the twenty-first century, drawing on Michel Foucault's genealogical analysis. A search across nine databases identified 12,699 articles; after excluding studies from the health field, an upward trend in publications was observed. The findings indicate that classical ballet has increasingly expanded its dialogue with other fields of knowledge, particularly with scientific research and, most notably, with health studies.

Keywords: classical ballet; dance; sovereign power; disciplinary power; biopower.

Recebido em: 28/04/2025

Aceito em: 23/06/2025

⁵² O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Introdução

A dança que é chamada atualmente de balé clássico⁵³ tem seus primórdios na Europa, no começo da Idade Moderna, quando era praticada por uma nobreza branca e aristocrática. No final do século XVII, foi institucionalizada na França, pelo então todo poderoso rei Luís XIV que criou a Academia Real de Dança “marcando o começo do enlace oficial da dança no tecido institucional” (TEIXEIRA, 2012b, p. 36). Ao institucionalizar essa dança, Luís XIV deu a ela uma distinção que possibilitou que “esse modelo de dança associada ao poder público” se alastrasse pela Europa, Américas e chegasse ao Brasil (TEIXEIRA, 2012b, p. 48).

Apesar das inúmeras transformações que o balé passou durante toda a sua história, essa institucionalização permanece até os dias atuais. O balé clássico é uma das poucas danças, senão a única em alguns países, que manteve o privilégio de receber verbas governamentais para a manutenção de grandes companhias, inclusive para a formação de seus profissionais. Por ter essa poderosa representação, o balé acaba por ser, ainda, uma das danças mais prevalentes oferecidas em espaços de dança.

Grande parte do aprendizado da técnica do balé clássico, que leva de oito a dez anos de formação, é baseado na prática dos estudantes e na transmissão oral dos conhecimentos de profissionais mais experientes que evocam as memórias de seus corpos para ensinar e, conseqüentemente, carregam muito da história dessa dança para seus aprendizes (HOMANS, 2012). Assim, ao praticar o balé clássico aprende-se muito dos rituais e códigos presentes desde os primórdios dessa dança que sempre carregou uma aura de perfeição e um ambiente pouco diverso (ALMEIDA, ASSIS, 2023).

No século XXI, atravessado pelos efeitos da globalização, percebe-se que novas transformações importantes vêm emergindo nesse universo tão singular. Uma dessas mudanças perceptíveis é o aumento da produção científica sobre o balé clássico tratando

⁵³ Neste artigo, optou-se pelo termo balé clássico no sentido utilizado pela antropóloga Joann Kealiinohomoku (1983) que analisa este estilo como uma dança étnica e que utiliza a definição de John Martin (1939): “... uma forma particular de dança teatral que apareceu durante a Renascença e que repousa sobre uma tradição, uma técnica e uma origem estética que lhes são próprias (MARTIN (1939), apud KEALIINOHOMOKU (1983). Para a construção deste texto, utilizou-se o termo balé clássico para diferenciar de outros usos atuais, tais como balé moderno, balé contemporâneo e dos seus predecessores, balé romântico, balé de corte, ballet. Optou-se também pela não utilização do termo dança clássica, por considerar que existem danças clássicas de outras culturas.

de questões ligadas à área da saúde, da educação, das ciências sociais e de questões identitárias, para além das questões relacionadas ao mundo artístico e cultural. Na área da saúde, por exemplo, em uma busca rápida da literatura científica, é possível encontrar estudos que exploram a questão do treinamento físico para bailarinos, que não era visto com bons olhos por profissionais dessa dança até pouco tempo atrás. Aparecem também estudos que utilizam elementos da técnica tanto para pessoas com dificuldades motoras, como para pessoas em busca dessa prática com objetivos mais recreativos, como adultos, idosos, entre outros (ALMEIDA; CANDIDO; ASSIS, 2015), (DE ALMEIDA *et al.*, 2020), (OLIVEIRA; LOPES, 2020), (PINES; GILES, 2020), (BITTAR *et al.*, 2021), (LAGO E TERÁN, 2019), (HERNÁNDEZ, 2019), (LO *et al.*, 2021).

Refletindo sobre essas transformações, emergiu uma questão: quais circunstâncias fizeram com que o balé clássico se aproximasse do mundo científico, em especial com a área da saúde?

Para tentar responder à questão acima, e iluminar o tema, foi utilizado o olhar do filósofo Michel Foucault para auxiliar na compreensão do novo momento dessa dança tão longeva. Em seus estudos, Foucault buscou entender as possíveis origens dos fenômenos pelos quais se interessava e compreender as forças que possibilitavam que eles emergissem e se transformassem em relações de poder que ele chamou de “Genealogia do Poder”. Michel Foucault é, reconhecidamente, uma das figuras mais influentes do pensamento contemporâneo no que se refere às discussões sobre poder e subjetivação. No entanto, sua obra também é alvo de críticas consistentes que apontam limitações em sua abordagem. Entre elas, destacam-se a ausência da categoria de classe social em suas análises, a omissão de uma concepção explícita de sujeito na dinâmica do poder, a falta de proposições políticas transformadoras e o fato de seu pensamento partir de um lugar de fala marcado por privilégios — o de um intelectual branco europeu (VIANA, 2000; DE FREITAS, 2020; RÊGO ALVES, 2014; GALDINO, 2021). Reconhecendo essas críticas, este trabalho optou, de forma consciente e justificada, por adotar Foucault como referencial teórico, dada a potência analítica de suas ferramentas conceituais para compreender a constituição histórica de práticas, discursos e normas sociais que atravessam os corpos e produzem subjetividades. No caso específico do balé clássico, práticas como o controle dos gestos, a padronização dos corpos e a normatização estética podem ser analisadas de modo proveitoso a partir das tecnologias de poder — soberano, disciplinar e biopolítico —

oferecendo, assim, uma chave interpretativa relevante para compreender o crescimento recente do interesse acadêmico por essa prática artística.

Assim, o objetivo deste artigo é discutir os deslocamentos de poder e as condições históricas que vem aproximando o balé clássico à literatura científica, com ênfase nos estudos relacionados com a área da saúde e desempenho físico nos primeiros vinte anos do século XXI, a partir da análise genealógica proposta por Michel Foucault.

1. Método

Foi feita uma busca dos estudos em março de 2022, nas seguintes bases de dados: *PUBMED (MEDLINE)*, *EMBASE*, *CINAHL*, *SPORTDiscus*, *Scopus*, *PEDro*, *Web of Science*, *Scielo* e *BVS (LILACS)* com o termo “*Ballet*” e seus sinônimos com o mínimo de filtros.

Os artigos foram enviados para o aplicativo *Rayyan*⁵⁴ onde foram realizadas as seguintes ações: a remoção dos estudos duplicados pelo filtro do aplicativo *Rayyan*; a separação dos estudos que tratavam sobre a dança balé clássico e a categorização em área da saúde e performance física, e fora da área da saúde até o ano de 2021. Quando o artigo não discriminava o estilo de dança, optou-se por inserir o mesmo nos resultados⁵⁵.

As etapas de busca, seleção e categorização foram feitas por dois revisores de forma independente e, em caso de conflito sobre a categorização de alguns estudos, um terceiro pesquisador foi convidado para resolver as questões pendentes.

2. Resultados

Foram encontrados 12.699 estudos e enviados para o aplicativo *Rayyan* onde detectou-se 5.202 duplicados, dos quais 1.656 foram recuperados. Ficaram para serem analisados 9.153 estudos. Desses, retirou-se os 60 artigos do ano de 2022, ficando, então, 9.093 estudos. Entre 1899 e 2000, apareceram 3.462 estudos. Entre 2001 e 2021, apareceram 5.631 estudos. No processo de seleção, foram excluídos 1.075 estudos que não

⁵⁴ *Rayyan*---a web and mobile app for systematic reviews. *Systematic Reviews*, 5, n. 1, p. 210, 2016.

⁵⁵ Pelo fato de o balé clássico ter uma representação importante no universo da dança ocidental, muitas vezes, os autores não especificam o estilo que estão pesquisando. Assim, nos poucos estudos que não se teve a certeza de que o balé clássico era uma das danças utilizadas, eles foram inseridos nos resultados.

tratavam da dança balé clássico, ficando então 8.018 estudos para serem categorizados, sendo 3.165 antes de 2001 (39%) e 4.853 após 2001 (61%). (FIGURA 1)

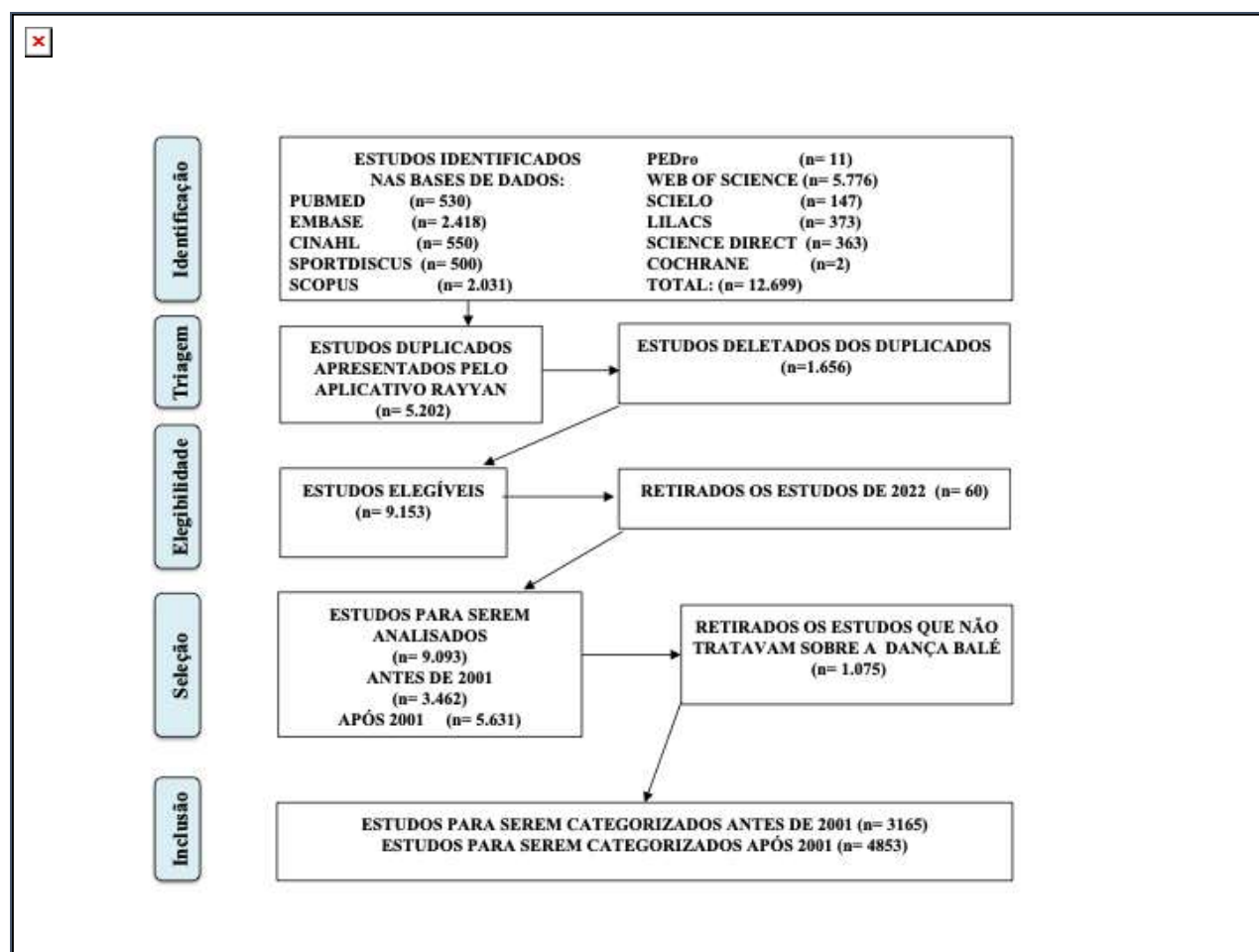


Figura 1 – Fluxograma que apresenta o processo de seleção dos estudos

A publicação mais antiga dos achados data de 1899 e trata-se de um artigo chamado de “O balé dos nove nobres”⁵⁶ que parece ser um poema e, portanto, não foi selecionado e nem categorizado.

A partir da análise dos dados, observou-se a emergência de publicações científicas sobre o balé clássico, relacionadas com a área da saúde e performance física, na segunda metade do século XX. Porém, foi no século XXI que esse tipo de publicação se tornou mais proeminente. Pode-se observar o maior número de publicações em 2019, com mais de 150 estudos. No ano de 2020, observou-se uma leve queda, que pode, talvez, ser atribuída à pandemia de SARS-COV2, mas voltou a crescer em 2021. (FIGURAS 2 e 3)

⁵⁶ CRAIGIE, W. A.. “THE ‘BALLET OF THE NINE NOBLES’”. *Anglia*, vol. 21, no. Jahresband, 1899, pp. 359-365. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/angl.1899.21.359> . Acesso em 15 mar. 2025.

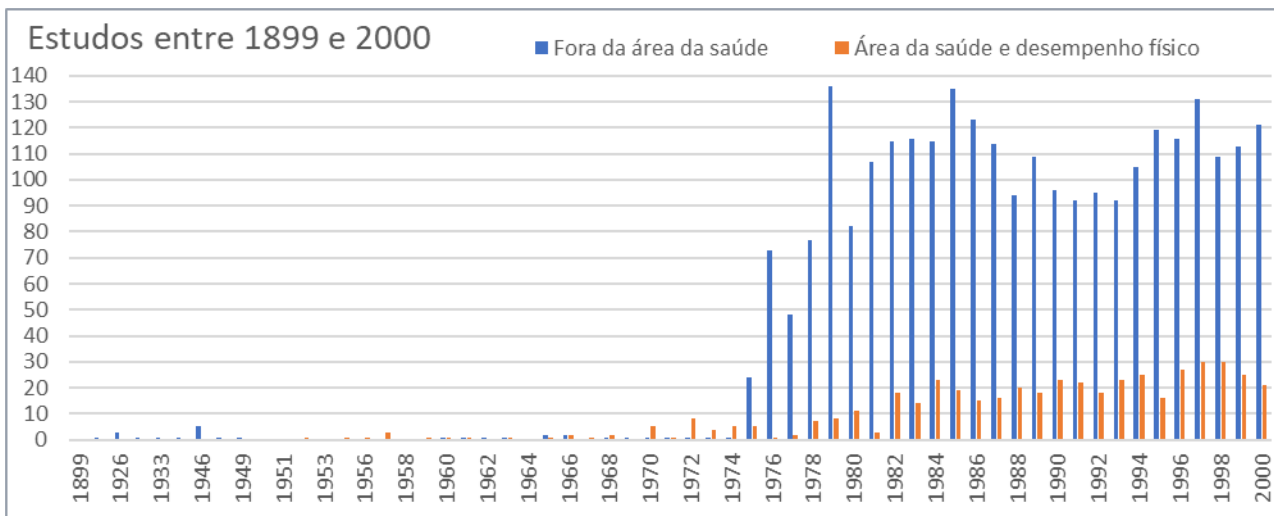


Figura 2 – Comparação entre os estudos relacionados com a área da saúde e desempenho entre os anos de 1899 a 2000. *Já retirados os estudos que não tratavam sobre a dança balé clássico.

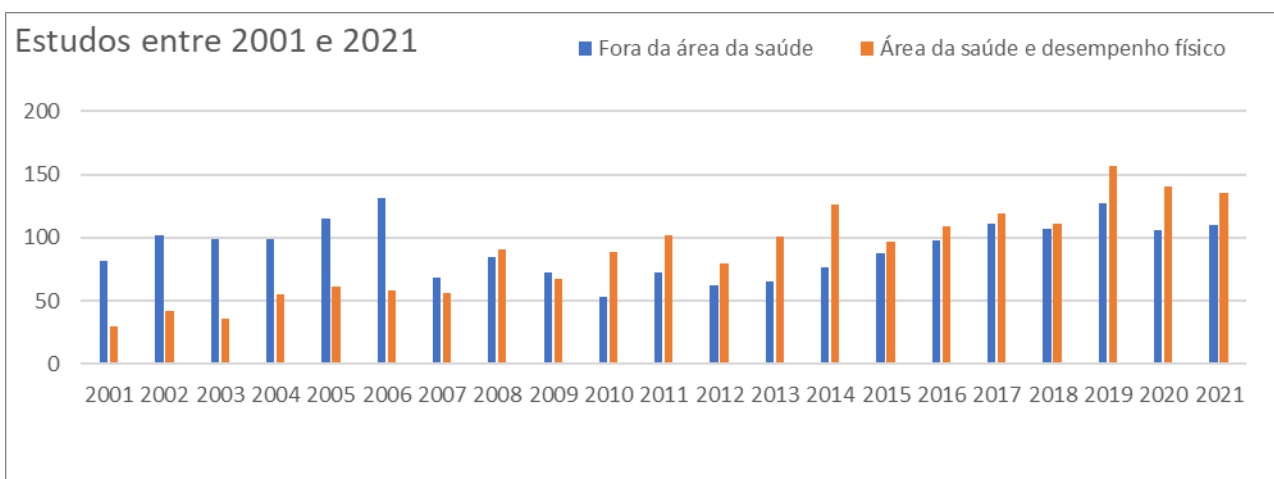


Figura 3 – Comparação entre os estudos relacionados com a área da saúde e desempenho entre os anos de 2001 a 2021. *Já retirados os estudos que não tratavam sobre a dança balé clássico)

3. Discussão

Explorando inicialmente os achados da pesquisa, fica evidente como ainda é incipiente a literatura científica disponível sobre o balé clássico, já que emergiram menos de dez mil estudos publicados em 122 anos (1899 até 2021).

Chamou a atenção a diferença entre o número de publicações encontradas na busca entre 1899 e 2000 (com 3.165 estudos ou 39% do total) e as publicações entre 2001 e 2021 (com 4.853 estudos ou 61% do total). Tal resultado mostra que, em vinte anos, foram encontrados mais estudos do que nos cem anos anteriores.

Os achados encontrados parecem direcionar o balé clássico para uma nova forma de se apresentar no mundo, para além do campo das artes e do entretenimento, como era até bem pouco tempo atrás. Percebe-se uma aproximação dessa arte secular com outras áreas do conhecimento, com destaque para a área da saúde e performance física. O mundo do balé, antes restrito e reservado, parece se abrir para novos horizontes e a estratégia genealógica de Michel Foucault pode auxiliar a compreender melhor como os deslocamentos de poder e as condições históricas permitiram a aproximação dessa dança com o mundo científico e a área da saúde.

O balé e a Genealogia do Poder

Para Fantini (2015), mesmo que Foucault não tenha escrito sobre a dança especificamente, ele “fabricou e ofereceu instrumentos” através dos seus escritos, que possibilitaram e possibilitam que seus leitores encontrem ferramentas para tratar de assuntos diversos (FANTINI, 2015, p. 281). Roberto Machado, na introdução do livro “Microfísica do Poder” (1979, p. XIV), ao apresentar o pensamento de Foucault, explica que “o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder”. Essa formulação expressa uma das concepções foucaultianas centrais, segundo a qual o poder deve ser compreendido como uma rede de relações que se exerce nas interações sociais e institucionais, e não como algo que se possui. Segundo Martucci (2018, p. 12), os três principais tipos de exercícios do poder presentes na genealogia foucaultiana são o poder soberano, o poder disciplinar e o poder político ou biopoder. A partir desse olhar sobre o poder é que se pretende, neste texto, traçar relações com os vários períodos pelos quais o balé passou ao longo da sua trajetória e assim analisar os resultados apresentados.

O balé e o Poder Soberano

O balé clássico tem origem em um período que Foucault identificou como um momento histórico no qual predominava o poder soberano e o “monarca incarnava de fato o corpo vivo da soberania” (FOUCAULT, 1979, p. 181). Foi um período no qual era necessário repetir diariamente rituais, cerimônias e um gestual específico para que esse poder continuasse funcionando, e que Foucault chamava de “reatualização” (FANTINI, 2015, p. 284). Um dos principais representantes desse tipo de poder foi Luís XIV, monarca francês que reinou entre 1643 e 1715, que além de ter sido o patrocinador do balé como dança institucionalizada, era um exímio dançarino que soube como ninguém usar esses rituais e ditar regras de etiqueta. De acordo com Ribeiro (1990):

A sagacidade de Luís XIV esteve, depois da Fronda⁵⁷, em domar o caráter turbulento, crítico, rebelde de seus súditos (nobres ou plebeus) através de um ritual que mesclava fascínio e intimidação. (...) Porque Luís XIV implantou, conscientemente, a etiqueta como instrumento de dominação. (RIBEIRO, 1990, p. 94)

Na corte de Luís XIV, o balé, que era chamado de balé de corte⁵⁸ na época, desempenhava uma função importante ao reafirmar a posição do rei como o centro do poder e da ordem social. A corte era um espaço de exibição cotidiana do poder, e o balé, tanto o dançado em exibições teatrais, como o dançado nos bailes, era um espetáculo que organizava de maneira simbólica e corporal essa estrutura hierárquica. Engelhardt (2009) explica a importância de saber dançar bem na corte:

Embora você dance bem, não pense que dança bem o suficiente e, conseqüentemente, não se esforce para dançar ainda melhor... Vá em frente, corteje as Graças por toda a sua vida; você não encontrará melhores amigos na corte: eles falarão a seu favor aos corações de príncipes, ministros e amantes. (ENGELHARDT, 2009, p. 24)

⁵⁷ A Fronda foi um conjunto de guerras civis que aconteceram na França entre 1648-1653, na qual nobres e a elite dirigente desafiaram de forma violenta o poder absolutista francês. Por conta desses distúrbios, Luís XIV, ainda criança, precisou fugir de Paris e esse acontecimento ficou marcado na memória do então pequeno príncipe (HOMANS, 2012, p. 39).

⁵⁸ Balé de Corte: Gênero que reunia amadores e profissionais em um espetáculo que era apresentado como parte dos divertimentos de corte (MONTEIRO, 2006, p. 34).

No caso de Luís XIV, ele não era apenas o soberano que dançava nos bailes, mas também se posicionava, literalmente, no centro do palco dançando em espetáculos. Sua dança personificava o poder régio e mostrava como o corpo real era tratado quase como um objeto sagrado, transformando atividades normais, como caminhar e dançar, em expressões visíveis de poder. Dessa forma, a dança da época se tornava uma continuação do ritual diário de requalificação do monarca (RIBEIRO, 1990). Portanto, não era uma dança que podia ser questionada, investigada, pesquisada, pois se tratava de uma dança real e sagrada. Pode se perceber na Carta Patente⁵⁹ para o estabelecimento da primeira Academia Real de Dança de Paris, de 1661, que Luís XIV evidenciava o caráter diferenciado dessa dança:

Luís, pela graça de Deus, rei da França e de Navarra, a todos os presentes e aos que virão, nossa saudação. Apesar de a Dança ter sido sempre reconhecida como uma das artes das mais honestas e necessárias para a formação do corpo e lhe dar as primeiras e mais naturais disposições para todo o tipo de exercícios, entre outros, aqueles das armas, e sendo, em consequência, uma das mais vantajosas e úteis aos nossos Nobres, bem como aos demais que têm a honra de se aproximar de nossa pessoa, não apenas em tempo de guerra, em nossos exércitos, mas também em tempo de paz, no entretenimento de nossos Balés. (TEIXEIRA, 2012b, p. 38)

Até esse momento, os escritos sobre o balé eram os manuais voltados para o seu aprendizado, mas de forma alguma questionavam-no. Tais manuais se aproximavam muito dos manuais de etiqueta da época, que indicavam condutas morais e corporais para um comportamento elegante na corte (COUTO, 2015, p. 69).

O balé e o Poder Disciplinar

À medida que Luís XIV envelhecia e deixava de dançar, a dança social da época foi perdendo sua importância, já que era uma representação simbólica da ordem política que se enfraquecia. Com a criação da Academia Real de Dança, o balé se deslocou para fora da corte o que acabou por permitir novas estruturas de poder. De acordo com Guarato, o balé teve “seus primeiros moldes forjados em práticas de sociabilidade, vindo a se tornar

⁵⁹ Cartas Patentes: *Lettres patentes du roy, pour l'établissement de L'Académie royale de danse en la ville de Paris. Verifiées en Parlement le 30 mars 1662* (TEIXEIRA, 2012b, p. 2). Cartas Patente são um tipo de documento legal em forma de carta aberta que garante um ofício, direito, monopólio, título a uma pessoa, entidade ou corporação por um monarca ou governo.

arte tardiamente” (GUARATO, 2013, p. 167). Entretanto, o balé como dança teatral profissional levava consigo o gestual, a hierarquia e os valores associados a essa dança que permaneceram nos corpos e no treinamento de bailarinos e bailarinas. Muitos desses artistas, que não eram cortesãos ou cortesãs, mantiveram-se como professores da nobreza. De acordo com Engelhardt (2009):

Quando Luís se aposentou da dança em 1670, levando seus cortesãos com ele, o balé como um passatempo elegante para nobres amadores foi entregue aos profissionais, que tinham as competências necessárias para promover o balé como uma forma de arte. No entanto, esses dançarinos de palco continuaram a treinar homens e mulheres da corte no estilo “nobre” de dança para preservar os modos cortesãos que tinham sido importantes para Luís, assim como para os ingleses, que desde o Renascimento tinham olhado para a França para adquirir modos e costumes adequados para a vida cortesã. (ENGELHARDT, 2009, p. 30)

Portanto, o balé passou a não depender mais da presença real e, ao longo do século XVIII, foi sendo influenciado também por uma nova forma de poder que já vinha emergindo desde o período do balé de corte, mas que agora ficava mais evidente, o poder disciplinar. De acordo com Foucault (1979, p. 187), o poder disciplinar permitia “extrair dos corpos tempo e trabalho mais do que bens e riqueza”. Assim, o balé que poderia ter desaparecido nesse período, conseguiu se adaptar às novas forças e passou a servir a uma nova elite que aflorava, a burguesia, mantendo elementos importantes do gestual das cortes seguindo inalterado sem ter suas bases questionadas.

Esse novo tipo de poder, que já não é, pois de modo algum transcritível nos termos de soberania, é, acho eu, uma das grandes invenções da sociedade burguesa. Ele foi um dos instrumentos fundamentais da implantação do capitalismo industrial e do tipo de sociedade que lhe é correlativo. Esse poder não soberano, alheio portanto à forma da soberania, é o poder disciplinar. (FOUCAULT, 2005, p. 43)

Apesar de o poder disciplinar, pela análise foucaultiana, ter sido marcado por um conjunto de transformações sociais que ocorreram entre os séculos XVII e XVIII (FOUCAULT, 1999), é possível perceber com mais evidência esse poder atuando no balé clássico no século XIX, após a Revolução Francesa. Desde o seu início nas cortes, o treinamento dos artistas já era regrado, controlado e seguia uma disciplina rígida. Porém, na primeira metade do século XIX, esse treinamento passou por uma transformação

técnica e artística muito importante que levou o balé, como dança teatral, a um novo patamar conhecido como o período do balé romântico. Foi nessa época que ocorreu o desenvolvimento de uma gramática de dança acadêmica que introduziu novos elementos à técnica tornando-a mais complexa e exigente e que viria a ser a base do balé clássico atual (MONTEIRO, 2006).

Os corpos, tanto dos bailarinos quanto das bailarinas, eram musculosos, fortes, disciplinados e buscavam o virtuosismo. Também foi nesse período que surgiram os sapatos de ponta que permitiram às novas protagonistas da cena, as bailarinas, parecerem etéreas e frágeis, as custas de uma preparação árdua e vigorosa que buscava controlar cada pose com muita atenção e, para tal, se submetiam a horas e horas de treinamento (HOMANS, 2012). Esse autocontrole, essa submissão dos corpos, se encaixa na definição de corpos dóceis que Foucault (1999) nos apresenta, a de um corpo submetido e assujeitado, encontrado em colégios, escolas técnicas e outras instituições. Para Foucault (1999, p. 164), a disciplina fabrica “corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de conformidade)”.

No campo da dança social, a burguesia se mantinha atualizada com o gestual nobre do balé, através dos seus professores, que eram os profissionais da cena, para saberem como se comportar nos salões de baile conforme a disciplina vigente na época (ENGELHARDT, 2009, p. 32). De acordo com Foucault (1999):

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. (FOUCAULT, 1999, p. 164)

Em relação à literatura dos séculos XVIII e XIX, continuavam a existir os manuais que ensinavam a técnica do balé e seus pormenores, como por exemplo, o tratado⁶⁰ do bailarino italiano Carlo Blasis. Ao mesmo tempo, começavam a aparecer pensadores da área da dança como Jean-Georges Noverre e John Weaver⁶¹, que publicavam suas

⁶⁰ “Traité élémentaire, théorique et pratique de l’art de la danse” (Tratado elementar, teórico e prático sobre a arte da dança), em 1820.

⁶¹ John Weaver (1673-1760) foi um mestre de dança inglês que propôs a integração entre os saberes da dança e os conhecimentos anatômicos. Jean-Georges Noverre (1727-1810) escreveu uma série de cartas

reflexões sobre o balé. Segundo Monteiro (2006), no final do conturbado século XVIII na França, Noverre tensionou essa dança, e propôs um balé de ação, que incorporaria a expressão e a pantomima para estabelecer uma comunicação com o seu novo público. Para Monteiro (2006, p. 45), “os tempos haviam mudado, Noverre sinaliza uma ruptura, exige da dança outra dramaticidade; pondo em pauta o mesmo princípio da imitação, pensa o poder comunicativo e a eloquência de tais espetáculos de forma nova”.

Na literatura científica do século XIX, apareceu somente em nossos resultados aquela publicação já citada anteriormente no texto e que não parece se relacionar com a área da saúde. No campo da prática, no final do século XIX, o balé clássico começava a ter a sua hegemonia cênica e técnica questionada por artistas e pensadores da dança como Rudolf Laban, Isadora Duncan, entre outros. O balé clássico permanecia como dança teatral proeminente, hegemônica, porém novas forças vinham aflorando e, mais uma vez, o balé se ajustou a um novo tipo de poder, que já dominava a Europa e buscava regular a gestão da vida em larga escala, o biopoder.

O balé e o Biopoder

Pela análise foucaultiana, o biopoder é a expressão da biopolítica, pois se apresenta em nível de estado, e começa a surgir no final do século XVIII e o início do XIX, “caracterizado politicamente como o momento em que a vida do homem, o seu ser como espécie, entra definitivamente nos cálculos e estratégias das relações de poder” (MARTUCCI, 2018, p. 90). Existe um reflexo do biológico no político que permitiu e permite ao Estado fazer cálculos e previsões sobre a riqueza e a força produtiva da sua população. Para Foucault (1988):

Este biopoder, sem a menor dúvida, foi elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só poderia ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajuste dos fenômenos da população aos processos econômicos. (FOUCAULT, 1988, p. 133)

propondo algumas transformações artísticas importantes para a dança da época e também focou nas questões anatômicas, como Weaver (LOURENÇO e VITIELL, 2020).

Revista Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 16 n. 2, jul-dez 2025

Nesse período em que Foucault identifica o surgimento do biopoder, o balé passava por grandes transformações, tornando-se mais profissionalizado e popular na Europa. Muitas das reflexões e críticas feitas por Noverre e Weaver no século XVIII começavam a reverberar no mundo do balé. Os escritos sobre essa dança cresceram e novos métodos de treinamento foram publicados em livros e propostos por artistas franceses, italianos, dinamarqueses, russos e ingleses nos séculos XIX e XX. Começava a aparecer no mundo do balé clássico uma maior preocupação com a saúde, bem-estar e longevidade dos profissionais da dança. Um dos métodos mais conhecidos que evoca questões técnicas, mas também demonstra um cuidadoso e rigoroso planejamento do processo de ensino-aprendizagem e uma abordagem racional para cada movimento, foi o método criado por Agrippina Vaganova (1879 a 1951), na Rússia, e publicado em 1934⁶².

No campo da prática, ao longo do século XX, o balé clássico se projetou para fora da Europa, mas passou a dividir espaço com novas danças teatrais, como a dança moderna, a dança contemporânea e também com novas propostas artísticas e novas técnicas corporais que nem sempre eram criadas por artistas da dança. Vale ressaltar aqui os estudos somáticos que vinham se desenvolvendo desde o século XIX em ambientes artísticos nos quais o corpo era o elemento central da criação e da expressão. Esses estudos buscavam articular arte e ciência por meio da integração entre consciência corporal, organismo biológico e meio ambiente. Contudo, foi apenas a partir da década de 1980 que essas práticas passaram a ser sistematizadas teoricamente e conceituadas sob o nome de Educação Somática⁶³ (STRAZZACAPPA, 2012, SANTOS, 2017). O mundo das artes foi profundamente impactado por esse movimento e no campo do balé clássico emergiu a necessidade de refletir sobre a saúde dos bailarinos, questionar os limites impostos pelas técnicas tradicionais e propor práticas voltadas à percepção, ao autocuidado e à reeducação do movimento. Muitas dessas propostas e técnicas tinham como objetivo prolongar a carreira dos bailarinos, melhorar a saúde corporal e mental desses artistas, indo de encontro à regulação da vida, que Foucault propõe ao tratar do

⁶² Vaganova, A. (1969). Basic principles of classical ballet. New York: Dover Publications.

⁶³ Educação Somática foi um termo cunhado pelo pesquisador Thomas Hanna em 1983, em um artigo publicado na revista *Somatics*. A escolha do termo “somático” se deu “em função do seu significado advindo do grego antigo *somatikos*, que significa corpo vivido” (SANTOS, 2017, p. 84). Entre as práticas somáticas “temos as técnicas de Alexander, *Feldenkrais*, *Bartenieff*, a *Ideokinesis*, o *Body-Mind Centering*, entre outras” (STRAZZACAPPA, 2012, p. 49).

biopoder, quando afirma que “pela primeira vez na história, sem dúvida, o biológico reflet-se no político [...]” (FOUCAULT, 1988, p. 134).

Direcionando para os resultados da literatura científica encontrados sobre o balé clássico no século XX, os poucos artigos que apareceram até o começo dos anos 1950, tratavam sobre música e crítica. Em 1952, aparece o primeiro artigo que está relacionado com a área da saúde em uma revista acadêmica da fisioterapia intitulado *Physiotherapy at the Sadler's Wells School of Ballet*, de C. Sparger. Em 1966, aparece um artigo intitulado *Competition, cooperation, and group cohesion in the ballet company*, na revista *Psychiatry* por Forsyth e Kolenda, que parece tratar de questões relacionadas à performance, já que não foi possível obter um resumo sobre o estudo.

A partir daí, observa-se lentamente um aumento dos estudos relacionados com a área da saúde, publicados por profissionais que não pertencem ao mundo do balé, mas que passam a esmiuçar essa dança e expor, em forma de publicações, os seus resultados. No começo dos anos 1970, percebe-se um grande aumento de publicações que podem ser explicadas pelo surgimento de revistas não acadêmicas e não revisadas por pares que divulgavam o mundo da dança e publicavam, em geral, artigos como críticas, biografias, entrevistas etc. Muitas dessas revistas não existem mais. Até o final do século XX, também surgiram novas revistas internacionais, revisadas por pares, que publicavam estudos sobre o balé clássico e a área da saúde, abordando as questões de lesões, tratamentos, análises biomecânicas e fisiológicas de bailarinos e bailarinas e de gestuais dessa dança.

Mas, foi a partir do século XXI que pôde-se observar um crescimento dessas publicações relacionadas com a área da saúde de forma mais intensa, como é possível observar na figura 3. Novas revistas acadêmicas, revisadas por pares, ampliaram as publicações sobre o tema e percebe-se que novos estudos relacionados com a melhora de rendimento, treinos fora de sala de aula, questões relacionadas à qualidade de vida e um direcionamento para além das questões profissionais, começaram a emergir de forma mais evidente nestes primeiros 20 anos do século XXI.

O livro “Guia de Medicina e Ciência da Dança”, organizado por Bittar e colaboradores (2021) evidencia essa trajetória crescente dos estudos ao longo dos séculos XX e XXI apresentados nos resultados deste estudo. No capítulo 2, escrito por Sanchez e Laws (2021, p. 45), os autores apresentam um fluxograma dos principais marcos desse novo campo que começou a emergir no período pós 2ª Guerra Mundial e foi crescendo até

culminar, já no século XXI, com a criação do Instituto Nacional de Medicina e Ciência da Dança⁶⁴ que fortalece a pesquisa nas áreas da saúde e ciência da dança.

Estudos, críticas, relatórios e livros escritos por autores de outras áreas do saber, fora do mundo restrito da dança, vêm contribuindo para o mundo do balé nos últimos anos, levando-o a revisar regras e ideais já estabelecidos, permitindo que corpos antes postos à margem desse universo, com diferentes formatos físicos, identidades de gênero e diferentes origens étnicas, possam ser acolhidos, além de fomentar a busca de bailarinos e bailarinas em se manterem produtivos e saudáveis por mais tempo.

No campo da prática, as novas demandas sociais e a inclusão de uma maior diversidade puderam ser percebidas como uma extensão das práticas das biopolíticas contemporâneas que diferem da homogeneização desde sempre proposta no mundo do balé e que se afinava mais com os poderes soberanos e disciplinares. A publicação recente de um relatório direcionado para diversidade, pela Ópera de Paris⁶⁵, pode evidenciar esses novos caminhos. O documento apresentado em 2021 propõe várias medidas para aumentar a diversidade na instituição. Aquela primeira Academia Real de Dança, fundada por Luís XIV, aponta a necessidade de novos caminhos.

Os resultados encontrados na literatura científica no século XXI indicam uma mudança, uma nova forma de se posicionar. Talvez essas validações acadêmicas auxiliem na ampliação de um mercado consumidor, já que as pesquisas acabam por respaldar, cientificamente, a prática do balé clássico por um número maior de pessoas, que até então eram consideradas fora dos padrões estéticos. Percebe-se o surgimento de novas subjetividades que têm permitido que o balé possa afetar e ser afetado por outras áreas do saber para além do campo das artes e do entretenimento, ao qual sempre esteve ligado desde a sua gênese aristocrática. Essas validações também podem contribuir para que os bailarinos profissionais consumam treinos fora do mundo do balé que até agora era visto com “maus olhos” pelos profissionais dessa dança. O balé clássico, mais uma vez, procura se ajustar ao novo momento para continuar a existir e uma das estratégias adaptativas pode ser uma aproximação com o mundo científico, em especial com a área da saúde, que atualmente está sendo tão valorizada.

⁶⁴ National Institute of Dance Medicine & Science – NIDMS. Principal parceiro no trabalho de desenvolvimento da Medicina e Ciência da Dança que pode ser definida como “a arte de prevenir ou aliviar doenças que afetam os dançarinos” (FIGUEIREDO E WYON, 2021, p. 31).

⁶⁵ Rapport sur la diversité à l’Opéra national de Paris: <https://www.caribopera.fr/wp-content/uploads/2021/03/RapportsurladiversiteONP21.pdf>. Acesso em 15 mar. 2025.

O livro da pesquisadora Jennifer Homans (2012), que trata especificamente da história do balé clássico, termina com uma perspectiva negativa da continuidade dessa dança. Homans (2012) conta que, depois de anos tentando se convencer do contrário, ela tem agora a certeza “de que o *ballet* está a morrer”. Faz então considerações sobre essa afirmação argumentando que, para que o balé recuperasse o seu lugar, “seria preciso mais do que recursos e talentos” porque “a honra e o decoro, a civilidade e o bom gosto também teriam que regressar” (HOMANS, 2012, p. 603).

Até bem pouco tempo atrás o balé clássico parecia muito preservado em seu mundo, sem se relacionar com outros saberes e práticas e sem ser questionado. Porém, no século XXI, com o aumento da população, a massificação, a ascensão das ciências biológicas, o balé clássico parece tentar encontrar novos caminhos para se adaptar a esse mundo contemporâneo muito diverso da sua origem. A aproximação ao mundo científico pode trazer novos sentidos para a prática do balé clássico, que até o momento não eram permitidos nesse universo tão resguardado. Pode-se depreender que, pelo olhar de Foucault, o “*ballet* que está a morrer”, aquele balé vivido e enaltecido por Homans (2012), não tem mais possibilidades de existência. Os poderes se deslocaram e o poder biopolítico ou biopoder parecem empurrar essa dança para uma nova forma de existir, ancorado em muitas premissas do passado, porém, mais uma vez, se adaptando aos novos tempos.

4. Conclusão

Ler o momento atual da dança balé clássico pela visão genealógica de Michel Foucault pode trazer reflexões importantes sobre como os deslocamentos de poder e as condições históricas acabaram por influenciar esse universo tão estável e seguro, que até aqui desfrutou de privilégios em relação a outras danças e teve sua existência garantida por governos.

O poder soberano e o poder disciplinar não dão mais conta de controlar o mundo atual, e o balé, para permanecer, precisa se ligar às tendências atuais se submetendo ao biopoder. Esse biopoder, expressado pela biopolítica, que nasceu no âmago do neoliberalismo, vem permitindo, além da regulamentação dos corpos, uma incitação ao consumo e novos tipos de concorrência.

Respondendo à questão feita na introdução deste artigo, de quais circunstâncias fizeram com que o balé clássico se aproximasse do mundo científico, com destaque para a área da saúde, a partir da perspectiva de Foucault, é possível hipotetizar que a necessidade de sobrevivência, os deslocamentos do poder e as condições históricas foram e estão empurrando o mundo do balé clássico a uma nova adaptação. Se abrir para trocas com outros saberes, inclusive, e principalmente, com o mundo científico, pode dar novas distinções e possibilidades de poder e assim contribuir para uma nova fase dessa dança. Só o tempo dirá se essa mudança de paradigma perdurará... ou não.

A dança que hoje é chamada de balé clássico, por sua longa trajetória e representatividade sociocultural, pode ser um campo precioso de estudos e investigações. Espera-se que este estudo possa contribuir para a área da dança e outras práticas corporais.

Referências

ALMEIDA, H. S.; ASSIS, M. R. **Tradições do balé clássico: genuínas ou inventadas**. In: ANTUNES, M. M.; PINTO, L. F. M. (orgs.) *Cultura, esporte e identidade: aproximações e diálogos com a educação física*. Curitiba, Brasil: CRV, 2023.

ALMEIDA, H.; CANDIDO, C.; ASSIS, M. Alguns sentidos da dança clássica para mulheres adultas: avanço ou retrocesso? In: *Territorialidades e diversidade regional no Brasil e América Latina: suas conexões com a Educação Física e ciências do Esporte*, Vitória, ES, 2015. **Anais** do XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/ CONBRACE e VI Congresso Internacional de Ciências do Esporte/ CONICE. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/view/7465>. Acesso em: 12 nov. 2024.

BITTAR, A.; WYON, M.; FIGUEIREDO, V.; BROWN, D., & HAAS, A. **Guia de Medicina & Ciência da Dança**: da Rede Brasil-Reino Unido em MCD. Goiânia, GO: Kelps, 2021.

COUTO, C. R. **Baile celeste e harmonia terrestre**: o balé de corte como imagem prescritiva da harmonia cósmica e política na França (1610-1661). Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo, (SP/USP). 2015. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-11122015-121738/pt-br.php>. Acesso em 12 de out. 2024.

CRAIGIE, W. A. "THE 'BALLET OF THE NINE NOBLES'." **Anglia**, vol. 21, no. Jahresband, 1899, pp. 359-365. <https://doi.org/10.1515/angl.1899.1899.21.359> Acesso em 15 mar.2025.

DE ALMEIDA, H. S.; PORTO, F.; PORRETTI, M.; LOPES, G. *et al.* Effect of Dance on Postural Control in People with Parkinson's Disease: A Meta-Analysis Review. **J Aging Phys Act**, v. 29, n. 1, p. 130-141, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1123/japa.2019-0255>. Acesso em 01 de jul. 2025.

DE FREITAS, L. M. A crítica de Spivak à Foucault. *Revista Húmus*, v. 10, n. 29, 2020. Disponível em:

<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/13967> Acesso em 02 jul. 2025.

ENGELHARDT, M. **Dancing out of line: ballrooms, ballets and mobility in Victorian fiction and culture**. Ohio: Ohio University Press, 2009.

FANTINI, W. de S. A dança do rei: o balé de corte e o poder de soberania em Foucault. **HOLOS**, 1, 280-290. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.15628/holos.2015.2553>. Acesso: 19 de jan. 2025.

FIGUEIREDO, V.; WYON, M. **O que é Medicina & Ciência da Dança e a Rede Brasil-Reino Unido em Medicina & Ciência da Dança?** In: BITTAR, A. et al. Guia de Medicina & Ciência da Dança: da Rede Brasil-Reino Unido em MCD. Goiânia, GO: Kelps, 2021.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13 ed. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 20 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2005.

GALDINO, D. P. Foucault e Rancière: Perspectivas e crítica ao conceito de biopoder. **Kalágotos**, v. 14, n. 2, p. 133-144, 2021. DOI: 10.23845/kalagatos.v14i2.6269. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/6269/5043>. Acesso em 03 jul. 2025.

GUARATO, R. (2013). Dança entre cultura e arte: práticas corporais e meios de legitimação estética. **Moringa**, João Pessoa, v. 4, n. 2, p. 167-187, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/moringa/article/view/17725/10127>. Acesso em: 05 jan. 2025.

HERNÁNDEZ, M. R. Efectos del psico-ballet reforzado atreves de las danzas afrocubanas como terapia para la fibromialgia. **Revista Médica Electrónica**, Matanzas ene, v. 41, n. 2, 2019. Disponível em: http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1684-18242019000100196. Acesso em: 12 out. 2024.

HOMANS, J. **Os Anjos de Apolo: uma história do balé**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2012.

KEALIINOHOMOKU, J. **Uma antropóloga olha o Ballet Clássico como uma forma de dança étnica**. In: Camargo, G. G. A. Antropologia da Dança I. Florianópolis, Brasil: Insular, 1983.

LAGO, A. C.; TERÁN, A. L. A. Beneficios del psicoballet cubano en el tratamiento de enfermos de Alzheimer. Validación psicométrica. **Revista Información Científica**, 98, n. 2, p. 171-183, 2019. Disponível em: http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1028-99332019000200171. Acesso em: 13 out. 2024.

LO, S. H. S.; CHAU, J. P. C., CHOI K. C., et al. Feasibility of a ballet-inspired low-impact at-home workout programme for adults with stroke: a mixed-methods exploratory study protocol. **BMJ Open**, 11, 2021. DOI:10.1136/bmjopen-2020-045064. Disponível em: <https://bmjopen.bmj.com/content/11/4/e045064>. Acesso em: 13 de out. 2024.

LOURENÇO, R.; VITIELLO, J. Z. **O conhecimento anatômico em diálogo transversal: narrativas de passado-presente a partir das obras escritas de John Weaver e Jean-Georges Noverre**. In: SANTOS, E.; FERREIRA, R. (orgs.), Pesquisa em Balé no Brasil. Goiânia: Ed. IFG e Ed. IFRN, 2020.

MARTUCCI, F. B. **A genealogia do exercício do poder em Michel Foucault: soberania, disciplina e biopoder**. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2018. Disponível em: http://www.pgfi.uff.br/wp-content/uploads/2016/03/2019_Frederico_Martucci.pdf. Acesso em 05 de out. 2024.

MONTEIRO, M. **Balé, tradição e ruptura**. In: PEREIRA, R. E. S.; SOTER, S. (Orgs.). Lições de Dança 1. 2 ed. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 2006.

MOURAD O.; HOSSAM H.; ZBYS F.; AND AHMED E. **Rayyan** — a web and mobile app for systematic reviews. *Systematic Reviews* (2016) 5:210, DOI: 10.1186/s13643-016-0384-4.

OLIVEIRA, V. M. M. D.; LOPES, J. S. Motivação para a prática de balé clássico por mulheres adultas. *Revista brasileira de atividade física e saúde*, 25, v. 1-6, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12820/rbafs.25e0129>. Acesso em: 25 de out. 2024.

PINES, R.; GILES, H. Dancing while aging: a study on benefits of ballet for older women. *Anthropology and Aging*, 41, n. 1, p. 83-94, 2020. Disponível em: <https://anthro-age.pitt.edu/ojs/anthro-age/article/view/209>. Acesso em: 12 out. 2024.

RÊGO ALVES, T. Considerações sobre a crítica de Rorty a Foucault. *Cadernos do PET Filosofia*, v. 5, n. 10, p. 62-71, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/pet/article/view/2042>. Acesso em: 04 jul. 2025.

RIBEIRO, R. J. **A etiqueta no Antigo Regime: do sangue à doce vida**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SANCHEZ, E.; LAWS, H. **A história da medicina e ciência da dança no reino unido: pesquisa, educação e prática**. In: BITTAR, A. et al. Guia de Medicina & Ciência da Dança: da Rede Brasil-Reino Unido em MCD. Goiânia, GO: Kelps, p. 43-110, 2021.

SANTOS, M. PRINCÍPIOS SOMÁTICOS NO CAMPO DA DANÇA: práticas de ver o tempo. **MORINGA - Artes do Espetáculo**, [S. l.], v. 7, n. 2, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/moringa/article/view/32405>. Acesso em: 1 jul. 2025.

STRAZZACAPPA, Márcia. Educação Somática: seus princípios e possíveis desdobramentos. *Repertório: Teatro & Dança*, Salvador, v. 12, n. 13, p. 48-54, out. 2012. DOI: 10.9771/r.v0i13.4013. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/4013>. Acesso em: 05 jul. 2025.

TEIXEIRA, A. C. E. Academia Real de Dança (1661) e Academia de Ópera em Música e versos Franceses (1669): tradução das duas cartas oficiais deliberadas pelo rei da França, Luís XIV, que institucionalizaram a arte da dança no século XVII. **Anais do II Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança da ANDA**, Salvador, BA, 2012b. Disponível em: <http://portalanda.org.br/index.php/anais>. Acesso em 22 de set. 2024.

VAGANOVA, A. (1969). Basic principles of classical ballet. New York: Dover Publications.

VIANA, N. Foucault: Filosofia ou Fetichismo? In: _____. **A Filosofia e sua sombra**. Goiânia: Edições Germinal, 2000. p. 187-202. Disponível em: <https://informecritica.blogspot.com/2011/06/foucault-filosofia-ou-fetichismo.html>. Acesso em: 04 jul. 2025.